**FACULDADE INTEGRAL DIFERENCIAL-FACID**

**EXPANSÃO-GESTÃO EM EDUCAÇÃO E EVENTOS**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA DO ENSINO SUPERIOR II**

**A NATUREZA DA REFLEXÃO FILOSÓFICA**

**IRENE LOPES DE LEMOS**

TERESINA

MARÇO-2008

**A NATUREZA DA REFLEXÃO FILOSÓFICA**

Irene Lopes de Lemos\*

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**RESUMO:** O trabalho aborda questões bastante comuns entre os estudantes, e que às vezes calam os próprios professores da disciplina de filosofia, por não conhecerem, e nem se interessarem em conhecer, as respostas, a filosofia em sua essência, em sua natureza. São questões como, por exemplo: como surgiu a filosofia; para que serve a filosofia; como vou usar a filosofia na minha vida. E tais perguntas irão responder à pergunta centro desse trabalho: enfim, qual é a natureza da reflexão filosófica. Todas essas perguntas estão interligadas, e irão ser respondidas, a fim de dar subsídios aos professores, para que estes possam defender com mais afinco sua disciplina, ainda tão discriminada e criticada por pessoas que acham que a Filosofia só serve para encher currículo e tomar tempo das outras disciplinas. O objetivo então desse trabalho é responder a todas essas perguntas para chegar à questão crucial: qual é a natureza da reflexão filosófica, e conseqüentemente refletirmos a respeito da importância da Filosofia, nas várias áreas do conhecimento. Assim espera-se poder tirar algumas dúvidas acerca do seja a filosofia e como ela pode ser considerada um corpo de conhecimentos com metodologia própria, que interage com diversas áreas. Quem se ocupa da filosofia são justamente as pessoas que sabem que existe mais do que nossos olhos podem ver que estruturam assim seu objeto de estudo, que aponta onde está o problema quando ninguém mais o vê, e que dá então o norte para a solução desses problemas.

Palavras-chave: Filosofia. Reflexão. Reflexão filosófica.

**The nature of philosophical reflection**

**Abstract:** the article deal with some commons questions among students and sometime its shut up the philosophy teachers because don’t know and don’t have interest in knowing the answers, the philosophy in essence and its nature. Questions such as: how the philosophy arose; what is the purpose of philosophy; how can I use the philosophy in my life. These questions will answer the main question of this article: at last what is the nature of philosophical reflection. All these questions are connected and we will answer them in order to provide grants to teachers, and with this they can defend hardly his discipline, still so broken down and criticized by people who believe that philosophy only serves to fill curriculum and take time of others subjects. The objective of this article is answering all this questions to get to the crucial question: what is the nature of philosophical reflection? And with this we can reflect about the importance of philosophy in different fields of knowledge. So, I hope can take some doubts about philosophy and how it can be considered as a body of knowledge with methodology itself, which interacts with several areas. Who takes care of philosophy are precisely the people who know that there is more than our eyes can see and with this structure his object of study, which show where is the problem when no one else sees its, and then giving the direction to the solution of these problems.

KEYWORDS: philosophy, reflection, philosophical reflection

**Introdução**

Para iniciar esse trabalho que tem como objetivo tratar da natureza da reflexão filosófica e a importância da filosofia a partir disso, vai-se primeiramente fazer um breve histórico do nascimento da Filosofia e ver alguns conceitos separadamente, para enfim juntá-los e chegar onde queremos.

Sabe-se que a Filosofia ainda é muito discriminada e até já foi excluída dos currículos das escolas, e hoje, mesmo sendo exigência do MEC, a maioria das escolas ainda não adotaram a disciplina, por não haver uma fiscalização, e as que já adotaram a colocam em segundo plano, tendo menos horas aula e nem sequer é reprovativa. Isso é nada mais que a falta de importância dispensada à disciplina, e também a falta de conhecimento do seu papel na história da humanidade e sua contribuição no desenvolvimento da consciência racional do ser humano, que o levou a inúmeras descobertas.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\* Professora de Filosofia do Ensino Fundamental, formada em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí, especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Integral Diferencial e Expansão Gestão em Educação e Eventos.

Várias ciências conhecidas hoje como especialidades independentes surgiram da investigação filosófica, como veremos no desenvolver do trabalho.

O campo de trabalho para os que se dedicam à filosofia é muito restrito, e isso é dito por experiência desta autora e de seus colegas de área, que passam pelo mesmo problema. Quando consegue-se finalmente encontrar um emprego que permita dedicação à essa escolha, à formação universitária, sempre depara-se com o problema da falta de valorização da filosofia, e com a forma depreciativa com a qual os alunos se referem à disciplina, e essa falta de importância é incentivada pela própria escola, que diversas vezes utilizam pessoas de outras formações para ministrarem a filosofia, que sem o menor conhecimento apenas colocam questões cotidianas, de maneira errada para os alunos.

Tem-se ainda que enfrentar problemas de discriminação durante o próprio curso de Filosofia na universidade, que o de pessoas que se aproveita de fama de que os filósofos vivem com a cabeça na lua, que são todos uns loucos, rebeldes, para então fazer da oportunidade de estar em um curso lindo uma oportunidade de realizar badernas com discursos que já não cabem mais na nossa realidade, discursos ultrapassados, palavras de ordem que mais parecem de desordem e que de fato levam a isso.

Vale colocar que essas afirmações também são de experiências vividas por esta autora durante sua jornada universitária, e também de alguns colegas que eram criticados por não fazerem parte dessa união sem consistência e sem razão de ser, que se dedicavam a denegrir ainda mais a imagem da filosofia e das pessoas que a ela se dedicavam, que estudavam com o encantamento que ela merece.

Vai-se então aqui desmistificar essa imagem e colocar que a Filosofia é sim um corpo de conhecimento importante e tem um significado de valor na história da humanidade.

**Desenvolvimento**

É sabido que na Antiguidade os fenômenos da natureza, a vida, a morte, a própria existência humana, e todos os problemas acerca do ser humano e do universo, eram explicados através dos mitos, que são formas de compreensão intuitiva da realidade que permeia todo o pensar e o agir do homem primitivo, predominantemente marcado pelo sobrenatural. Um exemplo disso é a narrativa de Hesíodo, no século VIII a.C, onde Gaia (Terra) surgiu do caos inicial e através de um processo de separação deu origem à Urano (Céu) e Pontos (Mar). Então Gaia uniu-se à Urano e deu início às gerações divinas. Podemos detectar nesse mito que céu, terra e mar não eram meros fenômenos da natureza, eram divindades.

No século VI a.C, nasce então a filosofia na Grécia, que procura dar um sustentáculo mais científico às explicações para os problemas que iam surgindo. Atribui-se a Pitágoras de Samos, por volta de 582- 497 a.C, segundo estimativa dos historiadores, a primeira utilização da palavra “filósofo” quando lhe foi perguntado sobre qual era a natureza de sua sabedoria e ele disse que era apenas um filósofo, esclarecendo que não detinha a posse da sabedoria, e assumindo a posição de “amante do saber”, e daí vem o termo “filosofia”, que por sua vez deriva da composição *philo* e *sophia*, e pode então ser traduzido como sendo amor à sabedoria.

Com o passar do tempo a palavra filosofia foi perdendo seu significado original, e na própria Grécia Antiga passou a designar um tipo especial de sabedoria, aquela que nasce do uso metódico da razão na busca do conhecimento.

Podemos distinguir a filosofia grega em três períodos: no primeiro a filosofia é periférica, surgindo em Mileto, na Ásia Menor e emigrando, devido as Guerras Médicas, para a Magna Grécia. Esse período é chamado também de cosmológico, porque seus representantes interessavam-se pelo mundo físico, pela explicação da origem e formação do cosmos. A reflexão desse período é voltada no mundo enquanto natureza, na questão do movimento e da transformação das coisas umas nas outras.

Em seu segundo período, quando a filosofia chega à Atenas, ela deixa de ser cosmológica e passa a ser antropológica, sendo sua maior preocupação o mundo humano, a vida do homem na polis. A cidade representa a vitória do homem sobre a natureza, e essa vida na polis propicia a tomada dessa consciência. É nesse período que os gregos inventam a história e a política.

Nesse período de apogeu, está também o início da decadência. A Guerra do Peloponeso, que culminou com a tomada da Grécia pelo Império Romano, é o pontapé para o terceiro período, o de declínio. Nesse período a polis deixa de ser o centro da vida grega, e o cidadão grego deixa de ser cidadão da polis para ser cidadão do mundo, da cosmopolis, e não mais se preocupa com a coisa pública, e passa a se preocupar com sua vida privada.

O saber filosófico significava a totalidade do conhecimento racional desenvolvido pelo homem. Abraçava os vários tipos de conhecimento, que hoje designamos como pertencentes à matemática, astronomia, biologia, lógica, física, ética, entre outras. A filosofia tinha interesse em conhecer toda a realidade sem dividi-la em objetos específicos e estudo.

Na Idade Moderna o vasto campo filosófico passou por um processo de redução, e a realidade a ser conhecida foi dividida, despertando estudos especializados. Foi então que se deu a separação entre ciência e filosofia.

Essas ciências direcionaram duas investigações a campos delimitados da realidade, e o fazem ainda hoje de forma mais localizada. Temos como exemplos a matemática, a biologia, a física, a química, a psicologia, a antropologia, a sociologia, etc.

Algumas pessoas definem a filosofia como uma ciência “com a qual e sem a qual o mundo continua tal e qual”. É uma definição que menospreza a filosofia, e que as políticas pós-golpe militar de 1964 seguiram, deixando a filosofia excluída do ensino público brasileiro. E é essa mesma concepção que vamos combater nesse trabalho.

De acordo com Claudemiro Godoy do Nascimento (Brasil-Filosofia e Educação: novas perspectivas) “a filosofia é um corpo de conhecimentos constituído a partir de um esforço que o ser humano vem fazendo de compreender o seu mundo e dar-lhe um sentido, um significado compreensivo. Quando lemos um texto de Filosofia, nos apropriamos do entendimento que o seu autor teve do mundo que o cercava, especialmente dos valores que dão sentidos a este mundo. Valores esses que, por vezes, são aspirações que deverão ser buscadas e realizadas, se possível. Ninguém vive o dia-a-dia sem um sentido; tudo possui um sentido, seja para as relações de trabalho, para a sua relação com outras pessoas, sentido para as relações amorosas, para a amizade, para a ciência, para a educação e para com a política.”.

A Filosofia não é um conjunto de ideias e de sistemas que possamos apreender automaticamente, não é um passeio turístico pelas paisagens intelectuais, mas uma decisão ou deliberação orientada por um valor: a verdade. É o desejo do verdadeiro que move a Filosofia e suscita filosofias.

A filosofia então, procura dar explicações para o mundo, abrangendo todos os seus aspectos, através de suas causas e razões, ligando o “antes” e o “depois”, as causas e efeitos, fazendo uma sequência lógica. Já o mito faz essa ligação por meio de relações mágicas, porém temos que dizer que os mitos visavam dar explicações também.

A cosmogonia, narrativas a respeito da origem e organização do mundo baseadas nas forças divinas, pode ser consideradas uma forma de filosofia, devido ao fato de versar sobre elementos da natureza, mas o que os distancia, por outro lado, é que há uma tendência de os mitos se fixarem em alguns elementos, ou seja, um mito para um ou dois elementos naturais, os primeiros filósofos buscavam uma única explicação à natureza, ao mundo natural como um todo. A atitude filosófica rejeita as interferências de deuses, do sobrenatural, buscando coerência interna do discurso, definição dos conceitos, debate e discussão de ideias.

Os filósofos pré-socráticos (assim são chamados os primeiros filósofos) buscavam uma explicação do mundo por meio de um princípio único ou de um elemento único, ou então a partir de mais de um elemento, mas seguindo uma concordância de princípios básicos. Esses filósofos são muitas vezes chamados monistas, pois eles procuravam isolar alguma coisa, geralmente um dos elementos (ar, terra, água e fogo) como o elemento básico ao qual toda a realidade poderia ser reduzida. Suas ideias e filosofias eram escritas em pedras, então pouco se sabe a respeito delas, tendo restado apenas fragmentos dessas placas.

Entre esses filósofos pré-socráticos podemos citar alguns, com suas respectivas teorias. Tales de Mileto tinha a água como fonte de vida; Anaximandro dizia que todas as coisas surgem do apeíron, um elemento inicial e universal, e a ele retornam, e Anaxímenes, que colocava o ar como elemento inicial. E Platão considerava a filosofia como o desenvolvimento do saber em benefício do homem.

Bom, esses são apenas alguns exemplos de busca científica para as coisas, e que para nós hoje podem parecer impossíveis, ridículas, mas antes de menosprezar essas ideias tem-se que pensar que foi a partir daí que o homem deu seu pontapé inicial para as descobertas científicas de hoje.

Agora pode-se dizer que a filosofia nasce de um problema. Mas o que é problema? Estamos tão acostumados a dizer e ouvir essa palavra que nem paramos mais para nos perguntar o que de fato ela significa. Problema é sinônimo de questão, de indagação, pergunta. Mas isso não é suficiente, se fosse qualquer tipo de pergunta, como por exemplo, qual é o seu nome, seria um problema, porém, uma pergunta dessa não possui nenhum caráter problemático, e, sendo assim, precisamos de uma resposta mais profunda, para a questão, que ela sim, é um problema. Note-se que problema não depende do grau de complexidade da questão, até porque você pode saber a resposta para aquela determinada pergunta, ou sabe como alcançar tal resposta.

Outra acepção de problema é a que significa que problema é tudo aquilo que não se conhece, coisa inexplicável, incompreensível. Mas nesse caso o problema já se qualifica como mistério, e este não são sinônimos de problema. Por mais alto que seja o grau de uma pergunta, isso não a configura como um problema, mas ao contrário, pode sim se tornar um mistério, que tem uma conotação também religiosa.

O termo também possui outros vocábulos tais como obstáculo, dificuldade, dúvida, etc. Mas esses também não são suficientes para o nosso objetivo nesse momento, explicar o que é de fato problema. Obstáculos nem sempre são problemas; quanto à dificuldade, não é o seu grau que permite considerá-la problemática; e dúvida, a partir de sua etimologia, implica em uma dupla possibilidade, igualmente válidas, mas mutuamente excludentes.

Diante o que foi exposto até agora sobre o que é problema, volta-se à pergunta, modificada, já que problema, como foi visto, possui vários vocábulos: qual é a essência do problema? Durante sua jornada o homem passa por várias questões das quais não pode fugir, e se confronta com situações cujas soluções determinam à continuidade de sua própria existência, mas não no sentido de subsistência financeira. Essa necessidade, que surge com essas situações, é justamente isso: a essência do problema.

Uma questão por si só não é um problema, e sim uma questão cuja resposta é desconhecida, mas há a necessidade de ser conhecida. Se for preciso saber uma resposta, mas ela é desconhecida, isso constitui um problema. Por exemplo, se for perguntado quantas estrelas possui a galáxia, e não se sabe e não é preciso saber, isso não é um problema, mas se for perguntado sobre o surgimento da Filosofia e um professor de Filosofia, não sabe, e precisa saber para dar uma aula a respeito, isso sim se constitui um problema.

Mas essa noção de necessidade também reporta a uma noção de individualidade, e de fato, a necessidade possui um caráter subjetivo, mas também objetivo, conectados dialeticamente. O homem constrói sua existência, subjetivamente, mas de acordo com circunstâncias dadas objetivamente. Além disso, o homem é um ser objetivo. E a necessidade pode ser sentida subjetivamente pelo homem como tal; e também objetivamente quando há uma conscientização de sua necessidade.

Problema, portanto, é uma necessidade que se impõe objetivamente, mas que é subjetiva. Sendo assim podemos determinar a relação da filosofia com o problema: a filosofia é uma atitude que o homem toma diante da realidade, e que é representado pelo problema, que a filosofia responde com reflexão acerca de tal proposição.

Mas agora vem uma outra pergunta, também necessária para chegar à pergunta inicial, e fechar o objetivo: saber qual a natureza da reflexão filosófica e qual a importância dessa reflexão nas demais áreas do conhecimento. A pergunta é: o que é reflexão?

Reflexão vem do latim, *reflectere*, que significa “voltar atrás”. É um re-pensar. Mas se toda reflexão é um pensamento, será que todo pensamento é uma reflexão? Não, pois a reflexão é consciente de si mesmo, é capaz de se avaliar, de medir-se com o real. Pode interrogar dos conhecimentos científicos aos técnicos, perguntando-os sobre seus significados. Refletir é retomar, reconsiderar, revisar os dados já disponíveis, em busca de novos significados; é analisar cuidadosamente, prestar atenção. E isto tudo é também, filosofar.

O que melhor caracteriza e distingue o ser humano dos demais animais é sua consciência, o desenvolvimento dessa atividade mental que nos permite estar no mundo com algum saber. O processo permanente de conscientização faz do homem um sistema aberto e relacionado consigo mesmo e com o mundo, e pode se voltar para dentro de si, investigando seu íntimo, também pode projetar-se para fora, investigando o universo.

A consciência de si exige reflexão. É alcançada por meio dela a interioridade que se manifesta através do processo de falar, criar, afirmar, propor e inovar. E a consciência do outro, a concentração nos objetos exteriores exige atenção. E por intermédio dela alcança-se a dimensão da alteridade que se manifesta através do processo de escutar, absorver, reformular, rever e renovar.

Da relação entre essas duas consciências temos o desenvolvimento da consciência crítica, e essa relação é dependente uma da outra. Se apenas uma progride, o desenvolvimento da consciência crítica fica incompleto. Caso apenas a consciência do outro seja desenvolvida, haveria uma visão unilateral das coisas, e a identidade pessoal seria perdida. E se o contrário acontecesse apenas a reflexão de si se desenvolvesse, o ser humano seria conduzido ao isolamento.

A relação agora está mais clara. Todo homem tem problemas em sua existência, e é levado por esses problemas a refletir, e desse modo, a filosofar, mas não é tão simples quanto parece.

Para que uma reflexão seja considerada filosófica, ela tem que seguir alguns critérios. Como disse Dermeval Saviani: “A reflexão filosófica deve ser radical, rigorosa e de conjunto” (2002, p. 17). Vamos explicar melhor suas palavras, colocando cada critério separadamente para facilitar o entendimento.

É radical porque é necessário ir às raízes do problema; é necessária uma investigação profunda da questão. É rigorosa porque precisa agir com rigor. E essa condição garante a primeira (radicalismo), pois a avaliação sistemática do problema garante sua profundidade. É necessário determinar métodos, de acordo com o que a situação pede, para questionar o senso comum e as generalizações da ciência. E é de conjunto porque o problema deve ser examinado em conjunto, e não parcialmente, fazendo uma relação da questão com o seu contexto global. Ao contrário da ciência, a filosofia não possui um objeto determinado. O seu objeto de estudo é o problema, no sentido que já mencionado anteriormente. A filosofia busca o problema, tornando possível sua delimitação e facilitando desse modo a ação da própria ciência, para poder então estudá-lo e solucioná-lo.

Cada item é dependente do outro. A radicalidade é importantíssima à reflexão filosófica assim como a visão de conjunto. E o rigor garante a radicalidade, a universalidade e a unidade da reflexão filosófica.

A profundidade não acarreta, como é difundido pelo nosso de pensar formal, em um afastamento do conjunto, e nem a visão do conjunto gera superficialidade. A lógica-dialética na quais os termos contraditórios mutuamente se incluem nos propicia um método rigoroso capaz de nos dar a compreensão adequada de radicalidade e da globalidade na unidade da reflexão filosófica.

Como já foi dito, o problema possui um lado subjetivo e outro objetivo. O lado subjetivo se caracteriza pela tomada de consciência da necessidade do problema. Já ficou explicitado também que a reflexão é provocada pelo problema, e também se constitui em uma resposta a ele, devido a sua relação dialética. Sendo assim, a reflexão é um aprofundamento da consciência de determinada situação problemática, e é a atitude que o homem toma perante os problemas que a caracteriza como filosófica, científica, religiosa, etc.

Mas se é denominado de problemas científicos aqueles que são objetos de estudo da ciência, de problemas psicológicos aqueles que são objetos de estudo da psicologia, e damos também denominações diversas para os vários campos, como vamos denominar problemas filosóficos, se a filosofia não possui um objeto de estudo determinado? Se a filosofia pode se ocupar de qualquer assunto? A filosofia se ocupa desses problemas porque são então problemas, e não são problemas porque a filosofia se ocupou deles.

Nesse ponto chega-se ao segundo objetivo: qual a importância da filosofia para os diversos campos do conhecimento humano. Se a reflexão filosófica é radical, rigorosa e de conjunto, e pode se ocupar de qualquer coisa que seja um problema, então fica lógica a sua necessidade para as outras áreas.

A filosofia se ocupa do Direito (filosofa do Direito), da Educação (Filosofia da Educação), da Psicologia, que é bom lembrar, é filha da filosofia, da ética, das artes, da ciência, da economia, da política, dos direitos humanos, da ética, que inclusive possui uma profunda ligação com a filosofia, sendo que a ética não pode deixar de ter como fundamento a concepção filosófica do homem e que nos dá uma visão total deste como ser social, histórico e criador. E uma série de conceitos com os quais a ética trabalha como liberdade, valor, necessidade, consciência, sociabilidade, pressupõe um prévio esclarecimento filosófico. Enquanto reflexão originária, modalidade de pensar, a filosofia se faz presente em diversos patamares de um determinado contexto cultural.

Apenas exercitando o ato de pensar, colocando em prática sua consciência, o homem constrói reflexões que possuem ligação com a significação de sua própria existência, de seu agir, de seu ambiente natural, de seu contexto social, de sua história. Essa atividade não é individual somente, também é coletiva, já que tais representações conceituais e valorativas são compartilhadas pela sociedade, em todas as suas esferas sociais.

Mesmo sendo uma forma de pensar que constitui o senso comum dos grupos sociais, e sendo de forma mais adequada entendida como componente da ideologia de grupo, esta forma de pensar contém implicitamente um alcance filosófico, na medida em que sistematiza, mesmo que de forma fragmentária, significações explicativas do mundo e do homem. Sendo assim pode-se falar de uma concepção filosófica de um povo, no sentido de que sua cultura é impregnada de elementos teóricos que são apropriados coletivamente, formando sua filosofia de vida, um pré-saber assistemático, fragmentado, intuitivo, ideológico e implícito.

Há ainda um segundo patamar, a filosofia pressuposta. Se parece com o senso comum, mas está num grau mais elevado. Existe uma anterioridade, uma concepção de mundo, de homem e sociedade, de homem que orienta seu modo de pensar. Se assemelha a um projeto, a uma antropologia. E se distingue do senso comum porque se dá através de uma doutrina que organiza o pensar, que disciplina e fundamenta, e dá sustentação para a organização do homem na sociedade e, em toda sociedade o homem precisa deste filosofar que lhe dará base para sua existência.

E um terceiro patamar é a de uma reflexão sistemática, rigorosa. É uma filosofia do especialista, que se dedica a ela de forma técnica, metódica e sistemática. Preocupa-se com os processos do conhecimento e se dá de maneira explícita, tematizando tanto a realidade pensada como a própria atividade de pensar. Toda filosofia pressupõe em legado, ir à busca do pensado para podermos pensar melhor. Existe anterioridade. O esforço do especialista humano, no entanto, não é próprio da filosofia, e o que vai diferenciá-los é o método como ele é sistematizado. Essa reflexão é o resultado do esforço da consciência filosófica.

Neste nível a filosofia pode ser definida como o esforço do espírito humano para compreender a realidade, mas este esforço não é exclusivo de sua forma técnica especializada. A religião, o mito, o senso comum, a arte, a ciência, a partir de suas perspectivas, também esforços de compreensão do real.

Mesmo a filosofia tendo nascido do impulso que levou a humanidade a buscar o conhecimento das coisas, na sua prática a subjetividade afasta-se da pragmaticidade que caracteriza outras formas de consciência. Ela exige do seu praticante uma atividade metódica de reflexão.

O desejo da verdade aparece muito cedo nos seres humanos como desejo de confiar nas coisas e nas pessoas, isto é, de acreditar que as coisas são exatamente tais como as percebemos e o que as pessoas nos dizem é digno de confiança e crédito. Ao mesmo tempo, a nossa vida cotidiana é feita de pequenas e grandes decepções e, por isso, desde cedo, vemos as crianças perguntarem aos adultos se algo é “verdade ou a fingir”.

Pode-se distinguir dois tipos de busca da verdade. O primeiro é o que nasce da decepção, da incerteza e da insegurança e, por si mesmo, exige que saiamos de tal situação readquirindo certezas. O segundo é o que nasce da deliberação ou decisão de não aceitar as certezas e crenças estabelecidas, de ir além delas e de encontrar explicações, interpretações e significados para a realidade que nos cerca. Esse segundo tipo é à busca da verdade na atitude filosófica.

Pode-se citar como exemplo bem conhecido dessa busca da filosofia, René Descartes, que inicia sua obra, como bem coloca Chauí (2002)

“fazendo um balanço de tudo o que sabia: o que lhe fora ensinado pelos preceptores e professores, pelos livros, pelas viagens, pelo convívio com outras pessoas. No fim, conclui que tudo quanto aprendera, tudo quanto sabia e tudo quanto conhecera pela experiência era duvidoso e incerto. Decide, então, não aceitar nenhum desses conhecimentos, a menos que pudesse provar racionalmente que eram certos e dignos de confiança. Para isso, submete todos os conhecimentos existentes na sua época, e os seus próprios, a um exame crítico conhecido como dúvida metódica, declarando que só aceitará um conhecimento, uma ideia, um facto ou uma opinião se, passados pelo crivo da dúvida, se revelarem indubitáveis para o pensamento puro. Ele os submete à análise, à dedução, à indução, ao raciocínio e conclui que, até o momento, há uma única verdade indubitável que poderá ser aceite e que deverá ser o ponto de partida para a reconstrução do edifício do saber” .

O esforço da consciência filosófica na busca do sentido das coisas tem como finalidade compreender de modo conjunto o sentido da existência do homem, do significado mais profundo dessa existência para torná-la mais adequada em si mesma.

O homem busca sempre compreender a especificidade da existência humana, com o objetivo de torná-la cada vez melhor. Porém, essa especificidade humana não é clara e distinta, daí a facilidade com que a subjetividade cai em suas próprias armadilhas, ficando perdida e alienando-se sempre. A atividade consciente é constantemente ameaçada pelo viés da ideologia e pela auto-alienação.

A filosofia, sem dúvida, é uma busca ilimitada de mais significação, com maior profundidade, e está sempre relacionado à significação da existência do homem. Independente da sua utilização imediata, o conhecimento filosófico tanta compreender o sentido mais radical das coisas, e esse sentido é o modo através do quais as coisas se apresentam ao espírito, modo propriamente humano da consciência se apropriar delas. Essa consciência é como dispor de sentido, constitui para ele a compreensão da realidade. E compreender é reconhecer subjetivamente, nexos que vinculam, com coerência entre si, elementos da realidade experienciada a partir do próprio processo vital.

Durante a história sócio-cultural da humanidade, ela vem se esforçando para se autocompreender, esboçando modelos antropológicos, mesmo que dogmáticos, inconsistentes e fragmentados, mas que sempre é resultado dessa busca pelo sentido. Nesse sentido, a filosofia se apresenta ao ser humano como uma forma de conhecimento que propicia tanto a compreensão de sua existência, em seu significado, como também lhe oferece um direcionamento para sua ação no mundo.

É a expressão de uma forma coerente de interpretar o mundo, possibilitando um modo de viver também coerente, consequente e efetivo. Agir é transformar o mundo em que vivemos.

“A filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifestação da vida humana e a sua mais alta expressão (...) a filosofia traduz o sentir, o pensar e o agir do homem". Mesmo sendo analfabetos, escolarizados, todos, independentemente de sua condição social e escolar, possuem uma forma de apreender e compreender o mundo. Todo mundo tem uma visão e uma forma de agir, que vai de acordo com essa interpretação do real.” (*apud* CORBISIER, 1983)

**Considerações finais**

Diante do que foi exposto, o objetivo foi concluído. Explicou-se a natureza da reflexão filosófica, que é radical, rigorosa e de conjunto, bem como sua importância para as outras áreas do conhecimento humano.

O espírito humano tem uma tendência natural de buscar conhecimento, e que é representada pela filosofia, que a cada época possui problemas diferentes e encontra soluções adequadas, mas sempre corrigíveis, porque a verdade jamais é descoberta por completo.

O estudo filosófico é necessariamente um discurso sobre o ser, enquanto fundamento de todas as coisas. Em sua indagação a respeito da inteligibilidade radical do mundo, do homem e de Deus, a filosofia fala sobre o fundamento do valor da verdade do conhecimento e do valor da bondade da ação humana, e o ser é fundamento de todo valor.

Como diz Paulo Ghiraldelli (2006, p.13) “a filosofia é simples na medida em que fala sobre situações, pessoas, acontecimentos, conversas, romances, músicas (...), notando nisso tudo o que em geral não só não é notado, mas o que quase todos não encontram motivos para notar. A filosofia fala sobre o banal. A filosofia é também complexa, pois falar sobre o banal leva à desbanalização do banal (...). Daí a existência de uma variedade de métodos de abordagem de tópicos filosóficos (...)”.

A reflexão filosófica que a humanidade desenvolveu é um esforço em busca do saber, conhecimento que visa a esclarecer e libertar o homem de todas as formas de opressão. É uma forma de saber; é o esforço do conhecimento de reflexão, esclarecimento, que tem como objetivo compreender a significação de sua própria existência. Os homens têm a necessidade de saber quem é o próprio homem para superarem as dificuldades que a existência lhes apresenta.

O conhecimento procura estabelecer nexos, que no nível da subjetividade humana, vinculam, com determinada coerência entre si, elementos da realidade experenciada pelo homem a partir do próprio processo vital. Ao estabelecer esses nexos ele identifica/ confere um sentido.

Segundo Antônio Joaquim Severino, a filosofia “é a busca sistemática e insistente do sentido mais profundo e mais radical da existência humana, sem dúvida alguma, para torná-la mais adequada, mais coerente, cada vez mais especificamente humana”.

Concluí-se aqui que a reflexão filosófica é radical, rigorosa e de conjunto, e tem o papel de recuperar a unidade do saber, de questionar a validade dos métodos e critérios adotados pelas ciências. Desenvolve a reflexão sobre os conhecimentos alcançados por todas as ciências, além de procurar respostas às finalidades, sentido e valor da vida e do mundo.

**Referencial bibliográfico:**

CORBISIER, Roland. **Introdução à Filosofia.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1983. Tomo II.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo, Ed. Ática, 2000.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Filosofia da Educação**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2006

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 14.ed.Campinas, SP:Autores Associados, 2002.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias**. São Paulo: Paulus, 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da Educação: construindo a cidadania**. São Paulo. FTD, 1994.